

A Produção do Conhecimento Geográfico

2

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Ingrid Aparecida Gomes
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento Geográfico 2

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento geográfico 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Ingrid Aparecida Gomes. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2018. – (A Produção do Conhecimento
Geográfico; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-79-6

DOI 10.22533/at.ed.796181211

1. Ciências agrárias. 2. Percepção espacial. 3. Pesquisa agrária
– Brasil. I. Gomes, Ingrid Aparecida. II. Série.

CDD 630

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “*A Produção Do Conhecimento Geográfico*” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 22 capítulos, discussões de diversas abordagens da Geografia humana, com ênfase nos movimentos sociais.

A Geografia humana engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas atuais. Esta ciência geográfica estuda as diversas relações existentes (sociais, gênero, econômicas e ambientais), no desenvolvimento cultural e social.

A percepção espacial possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes, resultando na construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio, e, portanto, gerando uma crescente demanda por profissionais atuantes nessas áreas.

A ideia moderna da Geografia humana, refere-se a um processo de mudança social geral, formulada no sentido positivo e natural, temporalmente progressivo e acumulativo, segue certas regras e etapas específicas e contínuas, de suposto caráter universal. Como se tem visto, a ideia não é só o termo descritivo de um processo, e sim um artefato mensurador e normalizador das sociedades, tais discussões não apenas mais fundadas em critérios de relação homem e meio, mas também são incluídos fatores como planejamento, gestão, inclusão, mobilidade.

Neste sentido, este volume dedicado a Geografia humana, apresenta artigos alinhados com a migração, imigração, movimentos sociais. A importância dos estudos geográficos dessa vertente, é notada no cerne da ciência geográfica, tendo em vista o volume de artigos publicados. Nota-se também uma preocupação dos geógrafos em desvendar a realidade dos espaços escolares.

Os organizadores da Atena Editora, agradecem especialmente os autores dos diversos capítulos apresentados, parabenizam a dedicação e esforço de cada um, os quais viabilizaram a construção dessa obra no viés da temática apresentada.

Por fim, desejamos que esta obra, fruto do esforço de muitos, seja seminal para todos que vierem a utilizá-la.

Ingrid Aparecida Gomes

SUMÁRIO

TERRITÓRIO E MOVIMENTOS SOCIAIS

CAPÍTULO 1	1
ATIVIDADES CRIATIVAS E DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: MÚSICA, TERRITÓRIO E CRIATIVIDADE EM TATUÍ-SP	
<i>Gustavo da Silva Diniz</i> <i>Auro Aparecido Mendes</i>	
CAPÍTULO 2	11
ESCOLAS OCUPADAS: CIDADANIA, PODER E TERRITÓRIO	
<i>Rafael Sá Rego de Azevedo</i>	
CAPÍTULO 3	43
ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL: ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS OU SISTEMAS TERRITORIAIS DE PRODUÇÃO?	
<i>Mariano de Matos Macedo</i> <i>Wilhelm Milward Meiners</i>	
CAPÍTULO 4	53
GANGUE E TERRITORIALIDADES: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DE PROCESSOS SOCIAIS E ESPAÇOS ENVOLVIDOS NA AÇÃO DE GANGUE EM MINAS GERAIS	
<i>Antônio Hot Pereira de Faria</i> <i>Diego Filipe Cordeiro Alves</i> <i>Alexandre Magno Alves Diniz</i> <i>Tomás Hilário Cardoso Ferreira</i>	
CAPÍTULO 5	68
O DESCOROAMENTO DA PRINCESA DO SERTÃO: DE “CHÃO” A TERRITÓRIO, O “VAZIO” NO PROCESSO DA VALORIZAÇÃO DO ESPAÇO	
<i>Nacelice Barbosa Freitas</i>	
CAPÍTULO 6	79
TERRITÓRIO E SAÚDE: REFLETINDO A REALIDADE AMAZÔNICA	
<i>Layla de Cassia Bezerra Bagata Menezes</i> <i>Edna Ferreira Coelho Galvão</i>	
CAPÍTULO 7	89
A IMIGRAÇÃO BOLIVIANA NO BRASIL: UM OLHAR ALÉM DE SÃO PAULO	
<i>Romerito Valeriano da Silva</i> <i>Daniela Martins Cunha</i>	
CAPÍTULO 8	101
MIGRAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIO: OS DESCENDENTES DE POLONESES E UCRANIANOS NA ZONA DA MATA RONDONIENSE	
<i>Jania Maria de Paula</i>	

CAPÍTULO 9	110
REDES DA MIGRAÇÃO HAITIANA NO MATO GROSSO DO SUL <i>Alex Dias de Jesus</i>	
CAPÍTULO 10	120
TRABALHO E MIGRAÇÃO: ANÁLISES SOBRE A POPULAÇÃO OCUPADA NO SETOR CALÇADISTA DO MUNICÍPIO DE NOVA SERRANA-MG <i>Luís Henrique Silva Ferreira</i> <i>Andressa Virgínia de Faria</i> <i>André Francisco de Brito Leite</i>	
CAPÍTULO 11	136
A TEORIZAÇÃO DOS TERRITÓRIOS DA CERVEJA NO BRASIL: A MATRIZ METODOLÓGICA COMO INSTRUMENTO PARA IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS DE MAIOR PRODUÇÃO CERVEJEIRA NO BRASIL <i>Eduardo Fernandes Marcusso</i>	
CAPÍTULO 12	147
EFEITOS DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA E ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA SOBRE A MORTALIDADE INFANTIL NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO PARA DADOS EM PAINEL <i>Everlane Suane de Araújo da Silva</i> <i>Neir Antunes Paes</i>	
CAPÍTULO 13	157
GEOGRAFIA E ARTE: REPRESENTAÇÕES EM ALGUMAS PAISAGENS CABRALINAS <i>José Elías Pinheiro Neto</i> <i>Lara Ferraz Rocha Pacheco</i>	
CAPÍTULO 14	167
GESTÃO DE SEGURANÇA PÚBLICA EM FRONTEIRA COMO PROGRAMA DE ESTADO E A INTERDEPENDÊNCIA DE ATORES <i>Sergio Flores de Campos</i>	
CAPÍTULO 15	179
MEMÓRIA, CULTURA E RESILIÊNCIA NA COMPREENSÃO DA PAISAGEM DO PAMPA: CONTRIBUIÇÃO PARA UMA GEOGRAFIA INTEGRADORA <i>Adriano Severo Figueiró</i>	
CAPÍTULO 16	195
PATRIMÔNIO MUNDIAL DA UNESCO NO BRASIL: O CASO DAS ILHAS OCEÂNICAS DE FERNANDO DE NORONHA E ATOL DAS ROCAS <i>Vanda de Claudino-Sales</i>	
CAPÍTULO 17	206
UMA VIAGEM PELAS TERRAS DO SEM FIM EM BUSCA DA GEOGRAFICIDADE DA OBRA DE JORGE AMADO <i>Rita de Cássia Evangelista dos Santos</i>	

CAPÍTULO 18	216
PARENTALIDADES JOVENS, INVISÍVEIS E EXCLUÍDAS NO CENÁRIO DO “PRISON BOOM” BRASILEIRO: CARACTERÍSTICAS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS DA POPULAÇÃO DE PAIS E MÃES ENCARCERADOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE, BRASIL – 2014	
<i>Rafael Andrés Urrego Posada</i>	
<i>Maria Carolina Tomás</i>	
<i>Dimitri Fazito de Almeida Rezende</i>	
CAPÍTULO 19	230
ENSAIO SOBRE A ARCHÉ GEOGRÁFICA SOTEROPOLITANA	
<i>Daniel de Albuquerque Ribeiro</i>	
CAPÍTULO 20	240
NO MOVIMENTOS DAS REDES, NAS REDES DE MOVIMENTOS E OS MOVIMENTOS NAS REDES: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIOESPACIAIS E MOVIMENTOS SOCIOTERRITORIAIS CAMPONESES E URBANOS NO BRASIL E NA ARGENTINA	
<i>José Sobreiro Filho</i>	
CAPÍTULO 21	251
O LEGADO DOS MILAGRES DE SANTA PAULINA: A INTERRELAÇÃO E CONEXÃO RELIGIOSA DOS MUNICÍPIOS CATARINENSES DE NOVA TRENTO E IMBITUBA CONSTRUINDO UM OLHAR PELA FENOMENOLOGIA	
<i>Natália Carolina de Oliveira Vaz</i>	
<i>Sylvio Fausto Gil Filho</i>	
CAPÍTULO 22	262
O SOM DA VIOLA “INVOCANO” UM SENTIMENTO TOPOFÍLICO CAIPIRA	
<i>Denis Rilk Malaquias</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	273

MIGRAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIO: OS DESCENDENTES DE POLONESES E UCRANIANOS NA ZONA DA MATA RONDONIENSE

Jania Maria de Paula

Instituto Federal de Rondônia – Departamento de Ensino.

Ji-Paraná – Rondônia.

RESUMO: O movimento migratório dirigido a Rondônia a partir da década de 1970 levou para aquele estado populações de todas as regiões brasileiras, dentre elas os paranaenses descendentes de eslavos, notadamente descendentes de poloneses e ucranianos que durante as últimas três décadas se fixaram em maior número na região conhecida como Zona da Mata Rondoniense. A sua presença na região recria parte de seu território afetivo, e que pode ser evidenciada por elementos da cultura eslava na construção do espaço sociogeográfico local, embora não formem comunidades organizadas a partir de características étnico-culturais. O *habitus* camponês eslavo, facilmente constatado no caráter identitário do grupo é vivido e manifestado com maior intensidade no interior das famílias, razão pela qual, consideramos ser a “eslavidade de interior” uma das principais características identitárias do grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Grupos Eslavos; *Habitus*; Rondônia.

ABSTRACT: The migratory movement directed to Rondônia from the 1970s took to this state the

populations of all Brazilian regions, among them the descendants of Slavs (Poles and Ukrainians) who during the last three decades have settled in greater numbers in the region known as forest zone of Rondônia. Their presence in the region recreates part of their affective territory, evidencing the Slav presence in the construction of the local socio-geographical space, although they do not form communities organized based on their ethnic characteristics. The *habitus* Slavic peasant, easily observed in the identity character of the group is experienced and manifested with greater intensity within families, reason why, it is considered that the “Slavic way of life inside” one of the main identity characteristics of the group.

KEYWORDS: Slavic Groups; *Habitus*; Rondônia.

1 | INTRODUÇÃO

E como são belas aqui as flores e os pássaros! Os papagaios voam em liberdade, [...] e passam exibindo sua plumagem colorida – azul, amarela, verde, vermelha. Mas, fazem muito dano também. Os canários, que em casa nós os tínhamos fechados em gaiolas, aqui revoam com os pardais e atacam as plantações, arrancando sementes do solo. Existem aqui também uns passarinhos minúsculos, os colibris, que procuram as flores para sugar o néctar. Nas matas, os macacos pulam pelas árvores e as

lagoas estão cheias de sapos. O canto das aves é de uma variedade incrível!
(MYSKW, *apud* KREVEY, 2003, p.34)

O esboço biográfico do padre ucraniano Cristóforo Myskw (KREVEY, 2003) descreve suas primeiras impressões sobre o Paraná, a nova terra onde deveria trabalhar a partir de 1939. Em suas observações iniciais, seu olhar captura a exuberância e a abundância do ambiente local.

Em um intervalo de aproximadamente quarenta anos foram semelhantes as impressões que os migrantes paranaenses descendentes de eslavos – poloneses e ucranianos – tiveram da Amazônia. Seus relatos deixaram transparecer a admiração com a fertilidade da terra nas primeiras colheitas, com a imensidão da floresta e com a abundância das caçadas.

Porém, a chegada ao “paraíso” não foi gratuita. Repetindo a história vivida pelos antepassados que imigraram ao Brasil, no deslocamento compulsório dos paranaenses descendentes de eslavos para a Amazônia contabilizou-se o preço da partida, de vidas desfeitas e deixadas para trás. Em contrapartida somaram-se rendimentos com a chegada – a adaptação ao novo local de morada, a reconstrução da vida em novo espaço de vivência, transformado, ou não, em território afetivo.

Durante as últimas três décadas os colonos descendentes de eslavos vêm contribuindo com a produção do espaço sociogeográfico do Estado de Rondônia, mais especificamente na região conhecida como Zona da Mata Rondoniense formada por sete municípios, dentre eles Rolim de Moura, Novo Horizonte do Oeste, Nova Brasilândia do Oeste.

Juntos, os três municípios formam o recorte geográfico da pesquisa que originou a tese de doutoramento *Nossa terra em outras terras: os descendentes de eslavos na Zona da Mata Rondoniense*, e que esteve abrigada no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, com a apresentação dos resultados finais em fevereiro de 2017.

Nesta pesquisa buscamos compreender o modo de vida dos migrantes paranaenses descendentes de eslavos, notadamente os descendentes de poloneses e de ucranianos, identificando em seu meio a presença do *habitus* camponês eslavo, averiguar os processos de desterritorialização e reterritorialização que envolveram as trajetórias migratórias do grupo, a construção do novo território embasado nos costumes camponeses e eslavos e a reelaboração de sua identidade regional.

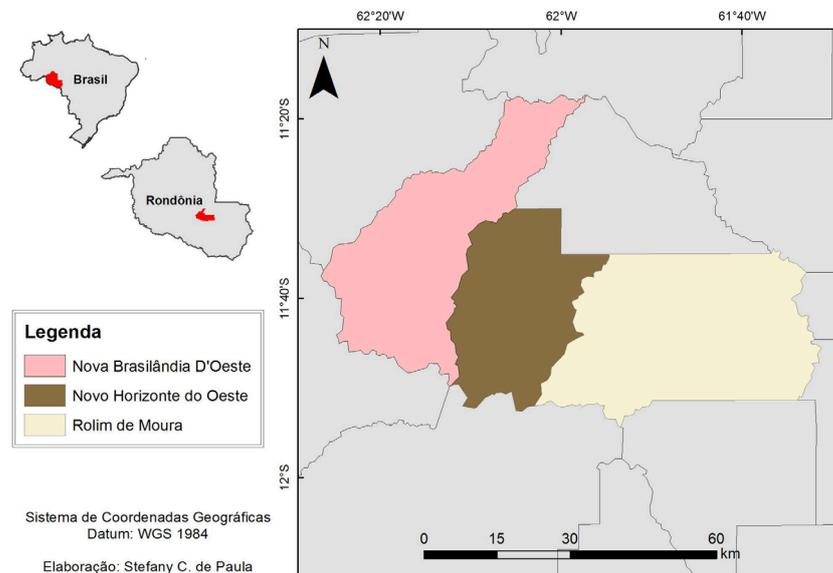


Figura 1: Recorte geográfico da pesquisa.

Metodologicamente, utilizamos a história oral (MEIHY, 2005) na condição de técnica de pesquisa associada à aplicação de formulários com questões semiabertas (THIOLENT, 1980). Participaram da pesquisa 62 famílias descendentes de eslavos (20 famílias descendentes de ucranianos e 42 famílias descendentes de poloneses), das quais 06 foram entrevistas produzidas pela técnica da história oral e 56 contribuíram com a pesquisa respondendo questões do formulário semiaberto, 38 deles aplicados aos descendentes de eslavos moradores da zona urbana e 18 com os moradores da zona rural dos três municípios que abrigaram a pesquisa.

O presente texto é composto por recortes de tópicos da tese que foram discutidos no capítulo I – *O antes tempo...: um século de travessias – memórias das migrações* e no capítulo II – *desse povo que veio pra cá, quase ninguém mais sabe falar na língua! há eslavicidade na zona da mata rondoniense?*

2 | A MIGRAÇÃO PELO OESTE BRASILEIRO

Os momentos de entrevistas com os descendentes de eslavos que vivem atualmente na Zona da Mata Rondoniense lhes suscitavam sempre as memórias da migração, construídas por lembranças de deslocamentos que envolvem suas famílias há aproximadamente 130 anos. São narrativas da chegada ao Brasil, em sua maioria constituída por uma memória herdada ou vivida por tabela (POLLAK, 1992), já que o grupo de entrevistados faz parte, em sua maioria, de descendentes da segunda ou terceira geração nascidas no Brasil. Somente um dos entrevistados era imigrantes. São também narrativas embasadas nas lembranças dos tempos vividos nas colônias étnicas do Paraná, da expropriação da terra e da busca por novas terras em todo o período de expansão da fronteira agrícola pelo oeste brasileiro.

Assim fizeram dois de nossos interlocutores ao recordarem as condições de

viagens em paus de arara acompanhados das famílias até Rondônia, na busca por terra e trabalho:

[...] viemo seguindo até Mato Grosso, de pau de arara com os dois caminhão. Naquele tempo não tinha estrada, era chuva, era lagos e a gente foi indo por um lado, porque o outro lado da estrada só atoladores. Atolamos num lugar e ficuemo oito dias parados nesse lugar sem poder sair [...] Então cheguemos até o Cacoal e paremos lá. De lá viemos pra Rolim de Moura, chegamos todos até aqui, arrumemos nosso barraco [...] trouxeamos mercadoria pra comer por uns seis meses [...] pra poder se manter, porque sabia que aqui não tinha nada e não tinha mesmo! (Colaboradora 01, 2014)

[...] me criei em Quedas do Iguaçu, dali saímo e fomos pra Foz do Iguaçu, de lá pro Mato Grosso e daí Rondônia. Viemo numa caminhonete lotada, sete pessoas tudo grande e mais as coisas e as galinhas. [...] Dia primeiro de julho saímos [...] e cheguemos dia 12 de junho ali em Presidente Médici, deu 12 dia de viagem [...] e se acampemo ali porque acabou o dinheiro. A intenção nossa era ir pro Acre, mas não tinha dinheiro nem pra ponha gasolina na C-10, então nós paremos aqui! (Colaborador 02, 2014)

O principal ponto da lembrança do grupo se assenta nos deslocamentos familiares. São trajetórias migratórias muito diversas e que nos permitiu intensificar o olhar sobre o panorama do deslocamento compulsório que historicamente atinge essa população. Do grupo de 62 entrevistados, 48 apontaram seu nascimento no estado do Paraná, notadamente nas porções centro-sudoeste daquele estado; 08 deles nasceram no Rio Grande do Sul; 05 em Santa Catarina e 01 nasceu durante a viagem para o Brasil. Destes locais iniciaram suas andanças até se estabelecerem na Zona da Mata Rondoniense. Em algum momento de suas vidas, todos viveram no Paraná.

Antes de se fixarem na região pesquisada, 04 famílias foram “tentar a vida” no Paraguai, estabelecendo morada em regiões próximas à fronteira brasileira. Outros 10 entrevistados tiveram passagem pelo Mato Grosso do Sul antes do desmembramento do estado de Mato Grosso, razão pela qual declararam ter passado somente por este último, embora, afirmem que moraram nas cidades de Mundo Novo/MS ou Projeto Sete Quedas/MS, ambos os projetos governamentais de ocupação da fronteira, implantados em moldes semelhantes aos projetos integrados de colonização em Rondônia.

Outras 04 famílias passaram pela experiência do regresso, após tentativas de se estabelecerem em Mato Grosso ou Rondônia retornaram ao Paraná por pequenos períodos de tempo e sem reencontrar condições adequadas de vida optaram por remigrar para a Zona da Mata Rondoniense.

Através das lembranças dos locais de morada temporários, fica explícito o processo de expropriação da terra como principal gerador dos deslocamentos pelo oeste brasileiros, quando famílias inteiras se lançavam na aventura de partir em busca de terras e trabalho.

3 | A (RE)CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO AFETIVO

Nos caminhos delineados pelas trajetórias sociais e migratórias, as histórias de vida selecionam as lembranças, constroem as memórias e os lugares de memória (NORA, 1993) – os elementos essenciais para a consolidação dos modos de vida e para a conservação/transformação sociocultural de um grupo marcado pelos deslocamentos compulsórios.

No contexto da migração têm lugar os processos de desterritorialização (HAESBARTH, 2012; SAQUET, 2015) ou a perda do território. Estes processos marcam definitivamente o indivíduo que manifestará sentimentos de saudade, embora a vivência em novo lugar de morada possa reterritorializar-se gradual e parcialmente. A construção do território sob os signos da perda e da conquista pode ser constante e/ou ocorrer diversas vezes, isto é, em diversos lugares a depender das trajetórias migratórias vividas pelo indivíduo ou grupo.

De modo geral, a condição encontrada nos interlocutores da pesquisa é a de reterritorializados, ocorrem também casos em que percebemos que a reterritorialização ainda não aconteceu por completo. Pelo teor das lembranças dos lugares vividos e acionadas nos momentos de conversas, em especial das reminiscências do Sul, é possível categorizar a condição dessa territorialização.

Tal condição é facilmente percebida naquelas narrativas que se pautam em lembranças dolorosas e de sofrimento experimentados nos lugares de origem ou demais lugares por onde viveram, costumam vir acompanhadas de conclusões positivas tanto sobre a decisão de migrar quanto sobre a escolha do atual lugar de morada.

Quando, porém, as reminiscências são nostálgicas, carregadas de saudade do lugar de origem ou de outros lugares por onde passaram, parece não ter se completado o processo de reterritorialização.

Para a análise de memórias de grupos migrados é imprescindível considerar o desenvolvimento de suas relações com o atual lugar de morada. Os eventos, tanto de ordem material quanto socioafetiva, que tiveram lugar já na atual morada vão influenciar na condição da lembrança (HALBWACHS, 2004) e comporão pistas concretas para verificar junto ao migrado se houve ou não desenvolvimento do sentimento de pertença ao lugar, isto é, se consolidou-se o processo de reterritorialização.

Com referência às reminiscências de nossos interlocutores observamos que para os casos em que manifestam um afeto mínimo pelo atual local de morada, ou não o manifestam, há evidências de um constante sentimento de saudade e nostalgia para com os lugares de origem. Nestes casos, sentem-se ainda desterritorializados. Para os casos em que as reminiscências são de momentos difíceis, o sentimento de pertença ao atual lugar de morada parece ser mais intenso.

Para um grupo deslocado compulsoriamente construir novas territorialidades, desenvolver sentimentos de pertença ao lugar são partes intrínsecas do processo de

conhecer o novo ambiente, e, gradativamente adaptar-se a ele até torná-lo integrado e integrante de seu modo de vida.

Todas as adaptações, ambientais, sociais ou materiais se dão com algumas dificuldades, as lembranças da chegada à Zona da Mata Rondoniense evidenciam as suas conquistas, perdas e dificuldades. São, na verdade, as recordações da reconstrução de seu modo de vida. Evocá-las nos momentos das entrevistas, são de certa forma, revisitar a história da construção do espaço sociogeográfico local, onde todos são protagonistas.

Neste sentido, as práticas culturais encontradas nas populações do Sul, a partir da migração passaram a ser praticadas naquele pedaço da Amazônia, embora sofrendo adaptações para o ambiente local. Trata-se mesmo das manifestações do *habitus*, na franca concepção de P. Bourdieu (2012) e que neste caso em particular denominamos como o *habitus* camponês eslavo.

Além de toda a concepção de mundo e da lógica interna da produção do espaço manifestadas pelo grupo se assentarem em bases do comportamento social eslavo, também operam na lógica de produção socioespacial do campesinato tradicional.

Exemplos claros da cultura e *habitus* camponês eslavos presentes na identidade regional que os descendentes de eslavos vêm elaborando na região podem ser observadas na construção do espaço geográfico local, tanto em seu sistema de objetos: o modelo arquitetônico das casas (casa de polaco) e construções rurais, a organização de quintais, hortas, jardins ou os espaços das lavouras; quanto em seu sistema de ações: na manutenção da culinária típica, no grau de importância dedicado à mesa farta, ao trabalho, na hereditariedade das profissões (SANTOS, 2006), como ilustra o fragmento de fala de um de nossos entrevistados sobre o seu ofício metalúrgico: “além da agricultura, a metalurgia é um dos trabalhos tradicionais do homem polonês e eu sigo essa profissão que vem passando de pai pra filho na minha família” (Pesquisa de campo, Rolim de Moura, 10/01/2015).

A presença eslava em suas mais variadas esferas da construção do espaço sociogeográfico local é perceptível, evidencia que a eslavidade se faz presente na identidade regional do grupo envolvido na pesquisa.

Esta eslavidade foi empiricamente comprovada em campo, contudo, é pertinente levar em conta seu caráter velado, vivenciado com maior ênfase no interior das famílias. É nesse ambiente que o *habitus* camponês eslavo toma corpo e revela as faces peculiares da identidade regional em construção.

O que a pesquisa nos aponta foi a vivência de uma “eslavidade de interior” aqui compreendida a partir do entendimento de Hall (2011, p 62) sobre algumas manifestações de minorias étnicas como as *que* “mantêm costumes e práticas sociais distintas na vida cotidiana, sobretudo nos contextos familiar e doméstico”.

Em nosso ponto de vista, o argumento de Hall se fortalece frente a alguns casos que poderiam sugerir certo comportamento de omissão do pertencimento étnico em espaços de relações sociais interétnicas. É situação bastante comum na região,

por exemplo, que as mulheres não deem os seus sobrenomes eslavos aos filhos. É também comum que em situações onde lhes requeiram uma assinatura ou declaração do nome completo, o fazem suprimindo o sobrenome de solteira ou abreviando-o sob a alegação de que as pessoas não compreenderiam a sua grafia ou se espantariam com a dificuldade de pronúncia. Consideram essas situações como momentos de certo constrangimento, pois precisam dar explicações sobre a origem do nome.

De maneira genérica, estes casos estão relacionados com alguns momentos de suas vidas em que tiveram a identidade negada, os casos mais comuns são os das próprias famílias que optavam por não valorizar o pertencimento étnico, como nos afirmou uma entrevistada “meu pai que era brasileiro não deixou que a mãe ensinasse a língua ucráina pros filhos, por isso só aprendi rezar o pai nosso” (Pesquisa de campo, Rolim de Moura, 07/11/2014).

Embora tivéssemos registrado com certa frequência algum comportamento de omissão de pertencimento étnico, o grupo pesquisado tem consciência dele, entre os 62 entrevistados, 61,6% declaram-se de origem polonesa; 32% declaram-se de origem ucraniana e 6,4% afirmam ter origem ucraniano-polonesa.

Acreditamos que a timidez na manifestação da eslavicidade em espaços de convivência extrafamiliares seja resquício da condição histórica enfrentada pelos imigrantes eslavos e seus descendentes ainda no Paraná. Para a afirmativa, nos embasamos principalmente nos estudos sociológicos de Ianni (1966) e Doustard (1990).

O histórico de preconceitos direcionado aos eslavos pode ter desenvolvido em seus descendentes o comportamento de atitudes que contribuem para sua invisibilidade na Zona da Mata Rondoniense. Neste caso, o espaço que se demonstraria como seguro seria apenas o interior das famílias, razão pela qual estamos considerando a característica observada localmente como “eslavicidade de interior”. Ela não se perde, não deixa de manifestar-se, entretanto, não se mostra à comunidade de acolhimento. Seu espaço de manifestação se dá no interior das famílias.

Em todas as famílias que colaboraram com a pesquisa tem havido negociações na construção de uma identidade regional desde o início de sua chegada à região. Muitas já afirmam se sentirem rondonienses, apropriam-se das vivências locais, ressignificam valores ou conceitos coletivos e pessoais.

Grosso modo, todo o grupo apresenta comportamento social inerente aos grupos impactados pelos processos de desterritorialização e reterritorialização configurados no interior dos movimentos migratórios, em outras palavras é a noção que Sayad (1988) desenvolve sobre os espaços de deslocamentos migratórios que não são somente físicos, mas também, sociais, econômicos, políticos e culturais. E que, acrescentamos, atinge cada indivíduo em temporalidades distintas.

No processo de reterritorialização conformado em diferentes temporalidades, o “sentir-se rondoniense” é uma das faces identitária de nossos interlocutores, resulta do desenvolvimento do sentimento de pertencimento ao lugar.

As formas mais comuns desse tipo de manifestação se dão em relação ao grupo étnico e o lugar, seja este de origem ou de vivência. Nele, ainda que conflituosamente, ocorrerá a reterritorialização, a readaptação dos modos de vida, contribuindo para a redefinição da identidade.

Esta, por sua vez, é fator socialmente relevante para diagnosticar a pertença ao território, haja vista que ao mesmo tempo em que é construtora de tal sentimento, é também construída por ele.

Advindos de processos diaspóricos responsáveis pelos movimentos (des)reterritorializantes, os migrantes paranaenses descendentes de poloneses e de ucranianos estão construindo um novo território na Zona da Mata Rondoniense, organizando sobre ele rearranjos de identidades que possam lhes assegurar, de alguma forma, a manutenção (parcial) do modo de vida estruturado no *habitus* camponês eslavo, herdado de seus antepassados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo fio condutor das histórias de vida dos interlocutores desta pesquisa foi possível explorar a modelagem de uma nova identidade regional que vem sendo elaborada a partir do encontro com o “outro”, costumeiramente comparada pelos mesmos com as antigas identidades que portavam em seus antigos territórios de vivência e que nos momentos das entrevistas eram acionadas pela memória da família ou de cada depoente em particular.

A elaboração, em curso, dessa identidade regional se estrutura na presença do *habitus*, é ele o determinador das concepções e percepções de mundo do indivíduo e de seu grupo social (BOURDIEU, 2012), embora seja também vulnerável aos processos de (des)reterritorialização e, portanto, tende a modificar-se igualmente.

Semelhante à identidade, o *habitus* se reelabora a partir de condições diferentes de existência, mesmo assim as heranças de concepções de mundo não se apartam facilmente do sujeito e, portanto, manifestam-se no transcurso de sua vida.

Foi sob este prisma que constatamos a presença do *habitus camponês eslavo* junto aos descendentes de poloneses e de ucranianos migrados para a Zona da Mata Rondoniense nas últimas três décadas.

No tocante à consolidação do processo de reterritorialização do grupo, inicialmente acreditávamos que o sentimento de reterritorialização se instalasse no indivíduo de forma inversamente proporcional à sua idade, isto é, aqueles indivíduos migrados para a Zona da Mata Rondoniense ainda na infância sentir-se-iam mais “rondonienses” que aqueles que se instalaram na região já em idade adulta. Entretanto, as pesquisas de campo apontaram para o desmonte de tal hipótese: não há qualquer subgrupo de indivíduos, quer seja de faixa etária, classe social, gênero ou grau de escolaridade que determine tanto a continuidade dos processos de desterritorialização, quanto o surgimento dos processos de reterritorialização, ou o aparecimento do território afetivo,

do desenvolvimento do sentimento de pertença ao atual lugar de morada.

Ambos os processos constituem elementos importantes e presentes na nova identidade regional em elaboração na Zona da Mata Rondoniense e faz parte dela um significativo conjunto de práticas da cultura eslava.

Pouco visível no primeiro olhar, mas possibilita que algumas características eslavas sejam observadas junto à população local como o profundo apego à terra, a supervalorização do trabalho árduo como passaporte para consolidação da vida financeira ou a cultura do antidesperdício.

Também é perceptível a presença material de elementos da cultura eslava na construção do espaço geográfico local, quer na paisagem arquitetônica quer na organização das residências e propriedades rurais, embora as manifestações da esclavidade sejam mesmo vividas no interior das famílias.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2012.

DOUSTDAR, N. M. **Imigração polonesa**: raízes históricas de um preconceito. Curitiba: UFPR, 1990. Dissertação de mestrado.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização**: Do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HALBWACHS, M. **Los Marcos Sociales de la Memoria**. Barcelona: Anthropos Editorial; Concepción: Universidad de la Concepción; Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

HALL, S. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

IANNI, O. **Raças e classes sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

KREVEY, E. B. **Cristóforo o portador de Cristo**: esboço biográfico. Prudentópolis/ Curitiba/PR: Imprimatur, 2003.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

NORA, P. **Entre Memória e História**: a problemática dos lugares. São Paulo: Projeto História- Revista do Programa de Estudos dos Pós-Graduados de História nº 10, dez. 1993. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em 10/06/2015.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em www.pgdef.ufpr.br/downloads. Acesso em 24/06/2015.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SAQUET, M. **Abordagens e concepções de territórios**. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

SAYAD, A. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo, Edusp, 1998.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-79-6

